
O "típico" importado: a memória construída do Rio Grande do Sul.

The imported "typical": the built memory of Rio Grande do Sul.

Yasmim Stella Domingues Marcucci



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/9817>

DOI: 10.4000/pontourbe.9817

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Yasmim Stella Domingues Marcucci, « O "típico" importado: a memória construída do Rio Grande do Sul. », *Ponto Urbe* [Online], 27 | 2020, posto online no dia 28 dezembro 2020, consultado o 30 dezembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/9817> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.9817>

Este documento foi criado de forma automática no dia 30 dezembro 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

O "típico" importado: a memória construída do Rio Grande do Sul.

The imported "typical": the built memory of Rio Grande do Sul.

Yasmim Stella Domingues Marcucci

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 22/04/2020

Aceitação / Accepted 18/08/2020

Introdução

- 1 Sentada na mesa de um restaurante na região turística de Gramado (RS), ouço a fala de uma mulher dirigindo-se a um homem, na mesa vizinha, “Aqui é outro país mesmo né, muito diferente, pessoas bonitas, povo educado”, e o homem responde “parece que é típico da região ser assim”. Aqui, nesta pesquisa, quero discutir o que meu olhar etnográfico cativou: o termo “típico da região”.
- 2 Fiz trabalho de campo por dois meses no Vale dos Vinhedos, dentro da Serra Gaúcha no Rio Grande do Sul, com mais enfoque nas cidades de Gramado e Bento Gonçalves. Um mês no inverno, em julho de 2019, e um mês no verão, em janeiro de 2020. Em julho passei duas semanas em Bento Gonçalves e duas semanas em Gramado, e dividi a mesma quantidade de tempo em janeiro.
- 3 Na tentativa de me inserir no campo, procurei encontrar pessoas que tivessem nascido na região ou que vivessem lá há muito tempo, e me hospedei em bairros residenciais. Assim meus interlocutores foram compostos pelos funcionários dos supermercados locais, vendedores, donos de estabelecimentos, guias turísticos, clientes dos bares locais que sentavam próximos a mim. A maioria das pessoas com quem conversei eram nativos (nascidos e que construíram suas vidas na região), poucas eram as pessoas de

outros lugares que foram trabalhar ou estudar lá. O que logo percebi em todos os locais que fui - talvez por serem cidades que recebem um número elevado de turistas- quando eu, mulher de 22 anos, ia conversar com alguém já pressupunham que eu estava ali a passeio, não cogitava a possibilidade de eu ser da região, e de início me tratavam como turista.

- 4 Quando eu falava que era pesquisadora de Goiânia, recebia respostas vagas e curtas, olhares de pouco interesse e tinha a constante sensação de eu estar incomodando. Então o modo que consegui a atenção dos meus interlocutores, longas narrativas, simpatia e conversas, foi me passar por turista. E mesmo assim não houve êxito em construir sociabilidades, ninguém me convidou para ir a algum lugar que eles frequentavam. Eu era de fora do pedaço (Magnani 2003). Os assuntos das minhas perguntas acabavam, e meu interlocutor se retirava.
- 5 Logo, pelas vias turísticas, agarrei todas as oportunidades de conversar com algum interlocutor. Realizei a visitação, em média, em 15 vinícolas (de pequeno, médio e grande porte) com *tour* guiado composto de história, passeio na fábrica e degustação - e quando não havia estas opções, conversava com os donos ou atendentes. Transitei entre as áreas turísticas e as residenciais. As refeições foram mais realizadas em restaurantes ou bares locais do que turísticos. Formulei e reformulei meus trajetos a pé e de carro. Utilizei da imersão no campo e não tive a oportunidade de realizar entrevistas formais (por eu ter adotado a estratégia de me apresentar enquanto turista para poder adentrar no campo).
- 6 Assim, com a pouca abertura que eu tinha e com a estratégia etnográfica adotada, estive atenta às categorias e termos utilizados nas falas das conversas informais com os meus interlocutores, das conversas entre os meus interlocutores e outros turistas, e quando era possível, das conversas entre os próprios turistas. Esta etnografia foi um longo processo de escuta.
- 7 Enfim, o que atentou o meu olhar etnográfico de perto e de dentro (Magnani 2002) foram muitos fatores presentes em outra lógica urbana e de sociabilidade que me fizeram questionar os marcadores da diferença que o Sul usa nas suas narrativas.

O caminho pelo Vale dos Vinhedos

- 8 O caminho pelos Vale dos Vinhedos. É assim chamado um território não litorâneo na Serra Gaúcha em que há vinícolas, produção e distribuição de vinhos. As principais cidades que compõem este espaço são Bento Gonçalves, Farroupilha, Gramado, Caxias do Sul e Garibaldi. Andar de carro entre essas cidades faz com que o visitante esteja na "Rota do Vinho" e que o passeio de deslocamento também seja um atrativo turístico devido à paisagem. Esta tem parreiras expostas, vilarejos bonitinhos "tipicamente europeus" que em outro contexto seriam chamados de "cidades de beira de estrada". As cidades interioranas nesse circuito possuem casas com telhados em forma de triângulo (arquitetura europeia para a neve escorrer e não se acumular), feitas de madeira, pedra, com pintura coloridas, com lareiras e chaminés. As condições climáticas no inverno é um fenômeno natural que o turismo relaciona ao "frio europeu", é um atrativo, com temperaturas baixas, geadas, neblinas, e as poucas vezes que nevaram na região na qual os interlocutores fazem menção em sua fala. Quem está lá, estaria imerso em um universo europeu, com direito a sentir até o clima.

- 9 Havia um complexo de vinhedos chamado Caminhos de Pedras (há muitas fazendas que plantam uva e produzem vinho, restaurantes de comida típica europeia e lojas de *souvenirs*). Para fazer as trajetórias do Caminhos de Pedra é preciso utilizar um carro, não há como fazer nada a pé. As estradas são longas, as vinícolas ostentam parreiras, todos os estabelecimentos possuem estacionamentos amplos com muitas vagas. Há agências de turismo que oferecem esses passeios já com roteiro estabelecido para visitar certas vinícolas, ir a certos restaurantes, com carros particulares que o guia vai dirigindo, ou com ônibus de excursão. Uma curiosidade é que no final da tarde poucos (ou quase nenhum) desses estabelecimentos do Caminhos de Pedras estavam abertos.
- 10 Em um dos meus primeiros dias visitando a região, lanchei em uma cantina italiana do Caminhos de Pedras. Eu era a única cliente no momento, consegui conversar com uma senhora dona do estabelecimento (que me atendeu). Logo, ela perguntou da onde eu vinha, se eu estava gostando do passeio - por essa pergunta, percebi que para ela eu era turista. Perguntei como era a tradição europeia, como eles a mantinham e com quem que ela aprendeu a tradição. Ela me contou a história de que ela e a irmã dela eram descendentes de italianos, sua mãe veio da Itália e com ela aprendeu tudo o que sabe do idioma italiano, da cultura e das receitas. Então as irmãs abriram a cantina para ser seu meio de sustento, pois já haviam tentado outras profissões e não havia dado certo. Perguntei se era melhor trabalhar na área que recebem turistas, pois o fluxo de vendas seria maior em temporada; a senhora me respondeu que estava difícil, que “no inverno as pessoas vêm muito pra cá para conhecer o frio, era a época que eu tinha que vender mais, mas olha o pouco de turista que tem”.
- 11 Ao longo do campo, consegui ver este padrão narrado, principalmente nas vinícolas (seja de pequeno, médio ou grande porte). Nas narrativas tem um *nonno* e uma *nonna*¹ que vieram da Europa nos séculos XVIII e XIX, possuíram um pedacinho de terra² em que plantavam uva, que produziam vinho artesanal, que tiveram muitos filhos que continuaram com a produção de vinho e que resultou nas vinícolas que os turistas visitam hoje. A mudança maior nesse padrão narrativo, quando se tinha um estabelecimento, era que ao invés de produzir vinho, tinha receitas de família de comida italiana artesanal e que se tornara um restaurante italiano tradicional. Então a história narrada era, resumidamente, de imigrantes em busca de oportunidades melhores que não encontraram no país de origem, e o conhecimento que estas famílias tinham, sobre uva e culinária, tornou-se geracional e uma fonte de renda.
- 12 Isto já tecia as noções de “típico da região”.
- 13 Sobre as vinícolas, muitas proporcionam os passeios para os visitantes³, com ou sem degustação dos vinhos que eles produziam, em que se pagava uma taxa para entrar. Antes de mostrarem como era feito o vinho, tinha a história de como começou a produzir o vinho ali, com os imigrantes. As vinícolas mais antigas ainda tinham conservada a parte da primeira casa construída pela primeira geração da família. Retratos antigos, sobrenomes italianos, “esforço e determinação”⁴ dos italianos resultaram nas grandes produtoras de vinho que o Brasil tem hoje. E essa narrativa reflete no modo arquitetônico que as vinícolas se apresentam.
- 14 O espaço da maioria das vinícolas era composto por: os parreirais, a sede administrativa, a parte industrial de produção, a loja (*souvenirs*, vinhos, produtos da uva), recepção e bar. Geralmente havia um portão com uma guarita (para as vinícolas maiores), entrava de carro, identificava como turista caso perguntassem. Passava por parreirais, chegava ao prédio sede da vinícola. O que destacou muito aos meus olhos era

que alguns desses estabelecimentos eram réplicas de castelos medievais, e não construções antigas conservadas. Os imigrantes não eram da Idade Média, o fato das épocas representadas não corresponderem me causou um certo estranhamento. Porém entendi que a significação por trás desta arquitetura foi que o *nonno* não havia construído um castelo quando chegara ali mas as gerações da família, sim. O castelo ostentava a história, os esforços passados, o castelo representava que valeram a pena todas as lutas das gerações de famílias que começaram com uma terrinha e agora eram grandes produtores.

- 15 Esta narrativa, que aponto como romântica, é o que está presente na memória daqueles que habitam o Vale dos Vinhedos, ou pelo menos, é o que eles afirmam que está presente. Narrar tantas vezes ao dia esta história a legitima e fazem disso um produto para ser vendido ao turista.

A epopeia em Bento Gonçalves

- 16 Hospedei-me em uma área residencial para ter a oportunidade, assim, de conversar com os vizinhos, de integrar-me melhor ao campo, aos meus interlocutores e construir sociabilidades. Mas sem sucesso. Não conheci ninguém. Não havia áreas de convivência comum nas ruas em que moradores se encontravam. No inverno, principalmente, era raro ver alguém na rua. Eu via casas com luzes acesas, mas não via quem as habitava.
- 17 Em alguns bares do bairro que não eram turísticos tentei me aproximar e conversar com as pessoas que eu pressupunha que eram locais pelo sotaque, mas sem sucesso também. Não me davam abertura, eram fechados. Pessoas extremamente educadas, mas o máximo que conversavam comigo era responder meu “boa noite”, ou “sim, eu sou daqui” de forma rápida, sem dar continuidade, perguntar algo de volta ou esperar que eu faça outra pergunta. Quando eu pedia informação, me davam. Quando eu falava que era pesquisadora, saíam educadamente. Eu não pertencia ao pedaço (Magnani 2003), não dominava sua linguagem e nem seus saberes.
- 18 Contudo, a cidade de Bento Gonçalves não tem aparência europeia e não é tão interiorana, tem um aspecto de cidade grande com trânsito, paisagem extensa cheia de cor cinza e de concreto devido às construções urbanas. É uma cidade com poucos prédios, as casas com muros baixos com grades e quintal na frente, suas ruas possuem comércio com shoppings, galerias, vendedores ambulantes, supermercados, bancos. A cidade não é plana, há muitas ladeiras, bem íngremes. O centro da cidade possui boa parte do comércio e tinha um monumento ou outro que remetia à imigração italiana.
- 19 Apesar da cidade não lembrar a Europa em sua paisagem, é de lá que parte o trem denominado Maria Fumaça. Foi o passeio que mais ouvi falar daquela região. Aonde eu ia, havia panfletos, agências de viagens, propagandas.
- 20 Maria Fumaça é um trem do início do século XX que liga Bento Gonçalves à cidade de Carlos Barbosa. De início, eu pensei que fosse um trem que operava como transporte público para servir as pessoas que necessitavam se deslocar, e por ser uma locomotiva antiga era falado para os turistas andarem por lá. Mas então vi que não era nada disso. Era um passeio turístico que se chama “Passeio de Maria Fumaça e Epopeia Italiana”.
- 21 Mas o passeio me contaria a história da região, como havia se formado e nas palavras da propaganda iriam me proporcionar o “resgate dos valores italianos”. Comprei meu ingresso (cujo valor achei alto) e fui para a estação. Lá havia muitas pessoas na

- recepção, chegavam muitos ônibus de excursão também. Troquei meu ingresso por um adesivo colorido com o nome do guia turístico – a organização do passeio separa as pessoas em grupo pela cor do adesivo e por guia. Não tenho certeza do número de pessoas, mas um grupo era o suficiente para lotar um ônibus.
- 22 Esperei meia hora em um amontoado de gente, até que chamaram meu grupo. Fomos de “bando” entrando na estação, mas antes de embarcar na Maria Fumaça tinha uma vivência.
- 23 Esta vivência era uma dinâmica de teatro, cinema e espaço que narra a história dos imigrantes italianos vindos para o Brasil nos séculos XVIII e XIX. Para cada parte da história havia cenários e estávamos imersos neles. Cada cenário são grandes salas fechadas construídas para cada parte da história. Por exemplo, em uma parte da história a decoração da sala remetia a um navio, havia sons de água e navegação, num dado momento reduziram as luzes e nas paredes começou a exibição de um filme de italianos em um navio vindo ao Brasil.
- 24 . No geral das etapas narrativas da vivência, havia um ator ou dois narrando e interpretando uma cena no início e no fim de cada etapa. Eram projetadas cenas de um filme na parede que ilustrava o que acontecia. Suponho que este filme tenha sido produzido pela própria empresa de turismo que promove o passeio. Nele havia personagens italianos, um casal e amigos, que viriam para o Brasil. Contava desde a vida deles na Itália até seu estabelecimento no Brasil. O idioma era português, mas com um sotaque italiano extremamente acentuado mesclado com expressões italianas como “*nonna mia!*”. Terminada a cena, o ator guiava o grupo para outro cenário. O cenário que me intrigou foi o local que os italianos se depararam quando chegaram em terras brasileiras. Tudo era mato, com árvores, animais selvagens, rios, natureza virgem. Remetia muito ao estereótipo do Brasil ser uma grande floresta.
- 25 Nestas cenas, uma ausência significativa foi a dos povos originários do Brasil. Não havia na narrativa em nenhum momento (nem na vivência, nem nas conversas informais, nem nas visitas às vinícolas) a presença de indígenas, ou qualquer outro grupo social que já ocupava as terras brasileiras. Era como se os italianos tivessem chegado (e já era Brasil República) com um mundo todo inabitado à espera de ser explorado.
- 26 Outra ausência foi das diversidades de imigrantes que a região recebeu (e ainda recebe). Digo isto pois foi construído um perfil único e homogêneo de imigrantes nesta vivência que participei. Eram casais jovens⁵, heteronormativos, que ainda não tinham filhos (ou se tinham, eram poucos) oriundos de classes sociais menos abastadas na Itália, e que também estavam dispostos a trabalhar muito.
- 27 Com esta vivência completa e finais felizes de famílias estabelecidas no Brasil produzindo vinho e mantendo suas tradições italianas, o passeio continuou. Ainda na estação, depois de sair do último cenário, o grupo foi conduzido a um espaço com uma loja de souvenirs, lugar para tirar fotos em um ambiente dos séculos passados, fotos dos italianos imigrantes na parede, degustação de vinho.
- 28 Assim o grupo era conduzido a um ônibus de excursão para irmos até a vinícola Garibaldi, e fazer uma visita que seguia o padrão já explicado anteriormente. O guia da excursão era descendente de italianos, que contou sua história que também seguia o mesmo padrão de narrativa. “Todos aqui têm *nonnos* e *nonnas*, somos bem italianos de fato”, uma fala do guia.

- 29 De volta ao ônibus de excursão, fomos para Carlos Barbosa, onde pegaríamos (finalmente) o trem Maria Fumaça que voltaria para a estação de Bento Gonçalves.
- 30 O trem do século passado tem uma decoração digna de estar em novelas de época da Rede Globo pois era muito bem caracterizado. Desde os assentos do trem, os lugares de colocar as malas, vagões, a estação, os figurinos dos funcionários, tudo caracterizado e ambientado no início do século XX. Supõe-se que quem pagou pelo passeio está vivendo uma representação da memória da Itália que veio para o Brasil.
- 31 Para entrar no trem, na estação de Carlos Barbosa, esperei um pouco juntamente com um amontoado de turistas com o adesivo colado no peito, cada cor do adesivo e nome do guia era um vagão. Havia muitos vagões ocupados por vários grupos.
- 32 Mas estar no trem era mais do que somente estar dentro de um trem em movimento. Em um intervalo curto de tempo entravam regularmente atores que animavam o passeio e interagiam com o público. Ora eles cantavam e dançavam músicas folclóricas italianas, ora representavam a vida do cotidiano de italianos (a que eu presenciei foi de uma italiana - representada como uma mulher robusta e gorda - procurando, zangada, o seu marido e que perguntava aos turistas se tinham visto o marido), ora passava algum "italiano" vendendo chaveiros e biscoitos do passeio.
- 33 Houve uma parada curta na estação de Garibaldi, era apenas uma plataforma caracterizada que possuía banheiros. Havia uma banda vestida com roupas tradicionais italianas e tocando músicas tradicionais italianas. Havia degustação de vinhos tintos, brancos e suco de uva.
- 34 De volta ao trem, as animações continuam até o fim do passeio. Desce-se na estação de Bento Gonçalves, que têm outras lojas de souvenir (por ser inverno via-se até roupas de frio à venda), banheiros e uma banda musical.
- 35 Assim, terminado o passeio, saí da estação e fui embora. À medida que mudo de paisagem, meus olhos acompanharam o ambiente do século passado (tão hiperbolizado pela caracterização) se esvaindo, sendo substituídos pelo concreto da cidade urbana.
- 36 Contudo, o passeio era destinado a pessoas de fora da região, e também a pessoas que pudessem pagar pelo valor do ingresso - para comprar qualquer coisa no passeio achei caro. E assim a Serra Gaúcha contava uma história do "típico da região", de sua formação através da experiência sensorial, da vivência e da imersão no tempo e espaço.
- 37 Por fim, percebi que a cidade de Bento Gonçalves em si não era turística. A única atração que identifiquei que tem procura é o passeio da Maria Fumaça, e a cidade é apenas o ponto de partida do passeio. Não tem um centro histórico evidenciado pelo turismo, ou pousadas de estilo "tipicamente europeias" como havia no Vale dos Vinhedos ou em Gramado. Era uma cidade com construções contemporâneas, urbana, cheia de concreto, e que não remete à Itália.

A cidade fala: Gramado

- 38 Aqui me hospedei em um prédio residencial de arquitetura germânica, em uma área residencial longe do centro turístico. E ainda assim era difícil conhecer e fazer amizade com alguém local. E isso me fechou de forma que não me inseri nos lugares que os locais frequentam para além de supermercados e restaurantes próximos. Não consegui identificar bares, boates, *pubs* próximos à casa onde me hospedei que teriam como

público alvo quem morasse na região - perguntei para algumas pessoas que pareciam ter minha idade e que trabalhavam no supermercado, e disseram que não conheciam.

- 39 Casas de arquitetura germânica (em sua maioria), prédios (quando há) com poucos andares, restaurantes que servem comida típica italiana ou alemã. Lojas de marcas mais caras e famosas, inúmeras lojas de *souvenirs*. Muito arborizada também, no verão havia hortênsias em todos os lugares que tinham uma mínima área verde. O centro da cidade e redondezas têm a intenção de ser uma réplica das cidades alemãs interioranas. À noite seu atrativo são as iluminações, principalmente na época de Natal e tudo na cidade se enfeita com luzes coloridas.
- 40 No inverno existe um sentimento de “aconchego” que a cidade oferece pelas casas de madeira, pela iluminação decorativa, pelos estabelecimentos de lazer ter aquecedores decorados e lareiras à lenha. Mesmo no verão a temperatura estava baixa e a representação de natais europeus frios se insere em toda a cidade. A decoração de Natal é extremamente ornamentada, toda a cidade remete ao lúdico natalino do Papai Noel, seus duendes e renas. Há apresentações circenses, musicais e teatrais de Natal gratuitas ou pagas na cidade. Mas o ano todo recebe turistas, a cidade é mantida em seus ornamentos europeus e arquitetura germânica até nos bairros residenciais para estar “fora da realidade” de outras cidades brasileiras.
- 41 Outras estruturas de atrações turísticas foram construídas e amplamente divulgadas para serem vivenciadas na cidade. Espaço com neve e patinação no gelo, o mini-mundo (mundo em miniatura), experiência de alugar carros luxuosos e poder circular com eles na cidade, fábrica de chocolate, andar de teleférico, museu da moda, museu dos Beatles, pizzaria do Harry Potter e outros passeios lúdicos⁶. Os ingressos para entrar nestas atrações, sem consumir nada, são caríssimos. Em época de alta temporada (dezembro, janeiro e julho) formam-se até filas para entrar nesses atrativos.
- 42 Sobre o público que é possível ver nesses passeios, do Rio Grande do Sul, são famílias ou casais - dentro de um padrão heteronormativo e branco. O vinho, a gastronomia europeia, o novo ambiente apresentado remetem a ser acolhedor, romântico, aconchegante e calmo. Não identifiquei grupos de amigos entre 18 e 35 anos que vão vivenciar estas cidades.
- 43 Portanto, o que a cidade promete é quem vai a Gramado, vai à Europa dentro do Brasil – quando digo nas conversas o termo “Europa brasileira” sou corrigida, meus interlocutores deixaram claro que é um pedaço da Europa que está no Brasil devido às circunstâncias de imigração. A cidade conta, através de seus espaços, uma história legitimada e narrada. Perguntei a três pessoas nativas porque a cidade era daquele jeito até hoje, e os nativos de Gramado usaram as categorias: “culturas diferentes” a serem mostradas aos “brasileiros”, como uma forma de viver diferente do resto do país e “mais civilizada”. Estas falas estão atravessadas pelo estereótipo de que o Sul do Brasil é outro país, que se cria o “típico da região”.

Uma breve reflexão das memórias

- 44 O que o campo ofereceu a mim: um turismo étnico (WEBER 2006) que demarca uma identidade específica.
- 45 As cidades que recebem turistas para fazer o circuito, na verdade, é um convite dos locais para que os “de fora” experimentem o que seria “o pedaço” enquanto

“determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações” (Magnani 2002:19). Existem ordens de espacialidade física, como toda a arquitetura e paisagem construída para ser tipicamente europeia, e ordens de sociabilidade que apresentam como são as relações sociais dos locais apresentadas e os modos que devem ser operados neste espaço. Quem vem de fora, não pertenceria ao pedaço, mas teria a noção do que é pertencer ao pedaço, conheceria as maneiras de viver o espaço⁷.

- 46 Como Roberto Schwarz (1987) aponta do caráter do brasileiro colocar sua cultura como algo posticho. Pelas narrativas, não identifiquei no meu campo a sensação de pertencimento a uma identidade brasileira, e não identifiquei o desejo de exibir serem brasileiros. Percebi isto quando meus interlocutores se assumiram diferentes, falavam que estavam no Brasil, mas ressaltaram com grande enfoque que suas origens eram europeias e que dominavam um saber tradicional europeu. É naturalizado o pensamento de que são de fora, são importados. Em diálogo com Schwarz, noto que o que seria brasileiro para meus interlocutores é visto que o brasileiro é a partir da subtração de todos os signos europeus.
- 47 Mas não é possível ver o Brasil a partir de subtrações. Digo isto, pois há um processo de ressignificação da representatividade europeia apropriada (Sahlins 1990), é possível ver novos sentidos do que é o europeu no Rio Grande do Sul. É inegável que a representatividade europeia é atravessada por inúmeros encontros e desencontros com a “cultura brasileira” – e um dos maiores exemplos disto é falarem português.
- 48 Portanto na “tradição” passada de geração em geração, com novos significados contextuais, há uma elasticidade que é dotada de originalidade própria. Ou seja, a representação da Europa no Brasil não é igual à Europa no continente europeu. Não há como dizer que é uma cópia autenticada. O Rio Grande do Sul importa o típico europeu, mas se diferencia dele – excluindo outras inúmeras narrativas, sujeitos, identidades e histórias.
- 49 A tradução da Europa para os contextos brasileiros foi amplamente influenciada pelas teses raciais e de branqueamento (Schwarcz 1993) que construiu um perfil do imigrante desejado (Fernández 2019): branco, europeu, casais héteros, normativos que são os personagens ilustrados.
- 50 Ou seja, o imigrante europeu heroico e romântico presente nas narrativas não é imigrante de outras partes do mundo, e não são os imigrantes europeus que se tornaram operários, que trouxeram correntes filosóficas (como o anarquismo) e promoveram greves. Selecionou apenas aqueles que receberam um pedaço de terra em áreas com baixa densidade populacional (quase que isolados, o que permitiu certa continuidade de práticas culturais europeias) e iriam exercer a agricultura de subsistência. Excluem-se muitos outros tipos de imigrantes da memória, principalmente os que não são brancos.
- 51 O Brasil República teve suas portas abertas para alguns e traduziu o perfil desejado com as políticas migratórias, boas-vindas e incentivos a imigrantes europeus⁸, os desejáveis. Com propagandas nacionais⁹, o europeu veio.
- 52 Decorrente disto, o circuito europeu no Rio Grande do Sul compõe uma homogeneidade identitária institucionalizada (Weber 2006), quase que isolada do que eles referenciam como “brasileiros”.
- 53 Por fim, os processos de formação de uma identidade desse circuito no Sul cabem bem na frase de Lilia Schwarcz (2007, p.14) “A memória é feita de algumas lembranças e de

muitos esquecimentos. Um processo de formação de memória nacional é um processo de esquecimento, de seleções e reelaborações”.

- 54 Então o que eu pergunto: Como essa “importação de cultura/tradição” se reelaborou no Brasil? Se a cultura é dinâmica e atravessada por inúmeros encontros, por que o que eles representam ser enquanto europeia é uma ideia estática e isolada? Quais os novos significados estão dando aos europeus na dimensão nacional brasileira? E quais os efeitos, tensões e consequências desta memória construída? Como os marcadores da diferença se articulam nesta memória?
- 55 E também me levam a questionamento do que era para estar presente pois existem inúmeras ausências. Portanto, quais são as histórias esquecidas? Quem foram os marginalizados e silenciados nesse processo?
- 56 Essas importações culturais e as mudanças que foram feitas para realidades diferentes foi o que meu olhar etnográfico captou, que deixou mais perguntas, intrigas e questionamentos do que respostas. Esta pesquisa, ainda em andamento, busca estas respostas.

BIBLIOGRAFIA

FERNÁNDEZ, Thaís Dutra. 2019. Os imigrantes no Brasil República (1889-2018): entre a percepção negativa e a busca de um perfil ideal. Dissertação de Mestrado em Estudos Estratégicos Internacionais. Porto Alegre. FCE - UFRGS.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. . 2003. A antropologia urbana e os desafios da metrópole. *Tempo Social*, São Paulo, v. 15, n. 1, pp. 81-95.

_____. 2009. “A etnografia como prática e experiência”. *Horizontes antropológicos*. Vol.15, N.32, Porto Alegre.

_____. 2003. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: UNESP.

_____. 2002. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana” in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol.17. n.49, pp. 11-29.

SAHLINS, Marshal. 1990. *Ilhas de história*. Rio de Janeiro: Zahar.

SCHWARCZ, Lília Moritz. 1993. *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. 2007. Quase pretos, quase brancos. Entrevista concedida a Carlos Haag. Pesquisa Fapesp. Edição 134, abr. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/2007/04/01/quase-pretos-quase-brancos/>

SCHWARZ, Roberto. 1987. Nacional por subtração. In: SCHWARZ, Roberto (Org.). *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras.

WEBER, Roswithia. 2006. *Mosaico identitário: história, identidade e turismo nos municípios na Rota Romântica – RS*. (Tese de doutorado). Porto Alegre. IFCH – UFRGS.

NOTAS

1. Avô e avó em italiano.
2. Ninguém me contou como foi a aquisição de terras pelos italianos. Ouvi no mínimo vinte histórias que seguem esse padrão de narrativa e o modo de aquisição de terras não foi mencionado em nenhum.
3. Os visitantes eram turistas. A linguagem do passeio pelos guias era coloquial com sotaque sulista, com inserção de alguns termos técnicos nas falas, não era específico para enólogos ou profissionais da área.
4. Geralmente, as histórias tinham um tom quase que heroico ao ser narrada. Os imigrantes seriam sobreviventes por terem coragem de deixar sua terra natal, de terem viajado em péssimas condições, e adaptado à nova terra brasileira que, segundo quem narrava, apresentava inúmeras dificuldades.
5. No filme exibido mostra-se uma cena do rapaz solteiro tentando comprar passagem, e era exigida certidão de casamento. Este rapaz só embarcou no navio depois que se casou.
6. Lúdico no sentido de promover vivências que remetem a outro universo, que produzem prazer e diversão.
7. Porém, pela minha recepção no campo, o "pedaço" dos locais estava inacessível aos de fora como eu.
8. Que também veio para substituir a mão de obra escrava.
9. Isto na narrativa do passeio de Maria Fumaça foi colocado, uma frase de um personagem era aproximadamente a seguinte: No Brasil, terra rica que nasce tudo, até salame!

RESUMOS

Esta pesquisa em andamento explora como as categorias dos signos europeus importados através da imigração europeia se traduziram no Brasil, de forma que constrói uma memória vendida ao turismo, legitimada pelas instituições e indivíduos, como também a exclusão de narrativas. Foram dois meses de trabalho de campo aliados com as bases teóricas da antropologia na região do Vale dos Vinhedos, no Rio Grande Sul. Até esta etapa da pesquisa, é possível apontar que as narrativas sobre a imigração que é contada pelos moradores do Rio Grande do Sul, que têm teor excludente, contribuem para a formação de uma identidade homogênea e branca em cidades no Rio Grande do Sul.

This ongoing research explores how the categories of European signs imported through European immigration were translated to Brazil, in a way that builds a memory, which is sold to tourism and is legitimized by institutions and individuals, but also the exclusion of narratives. It took two months of fieldwork combined with the theoretical bases of anthropology in the region of Vale dos Vinhedos, in Rio Grande Sul. Until this stage of the research, it is possible to point out that the narratives about immigration that are told by the residents of Rio Grande do Sul, which

has an exclusive content, contribute to the formation of a homogeneous and white identity in city in Rio Grande do Sul.

ÍNDICE

Keywords: memory, immigration, city, tourism, tradition

Palavras-chave: memória, imigração, cidade, turismo, tradição

AUTOR

YASMIM STELLA DOMINGUES MARCUCCI

Mestranda em Antropologia Social na Universidade Federal de Goiás.

E-mail: yasmim.stella@discente.ufg.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5792-8999>